

PARODIA COMEDIA PORTUGUEZA

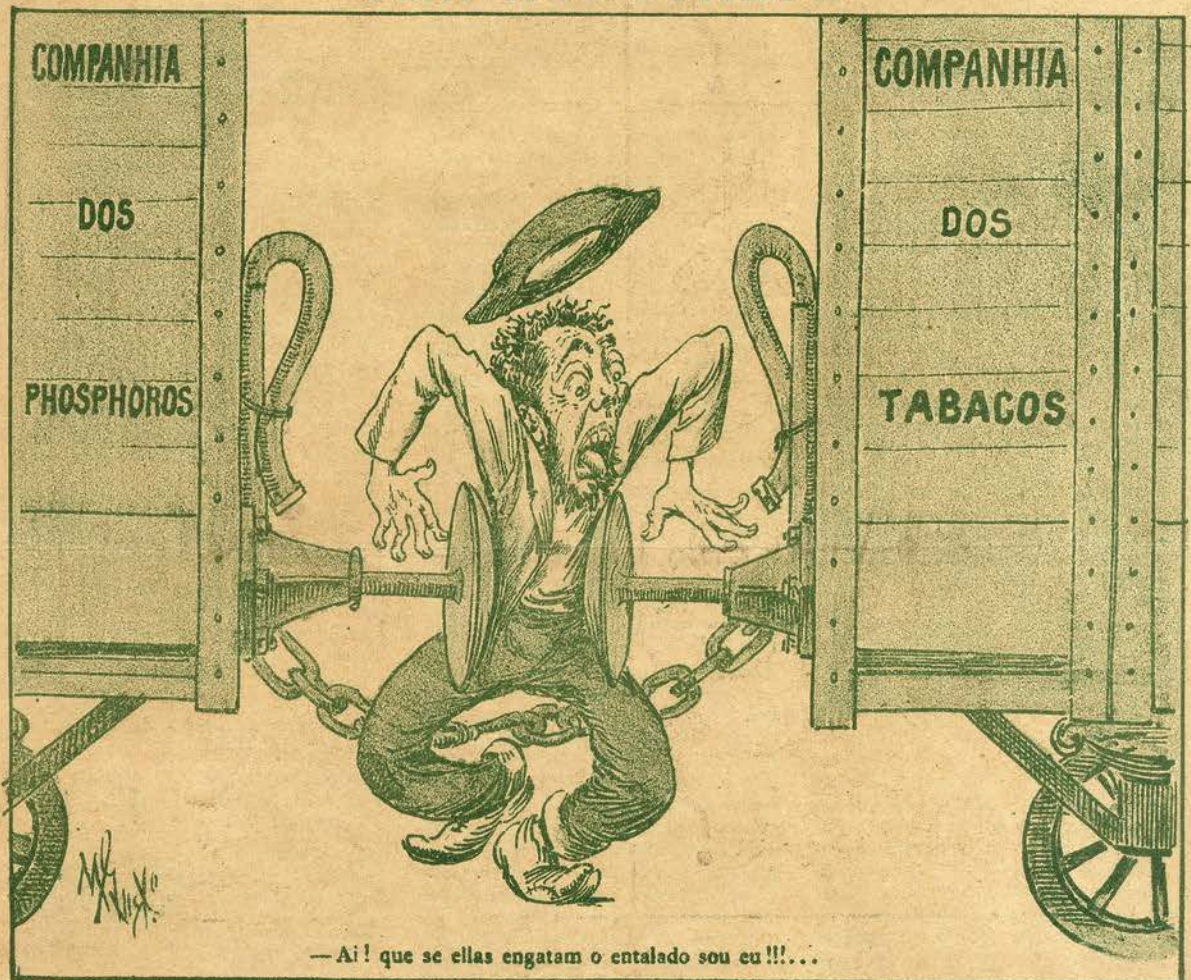


Publica-se ás quintas-feiras
 Toda a correspondencia deve ser dirigida ao administrador da
PARODIA-COMEDIA PORTUGUEZA
PREÇO AVULSO 20 RÉIS
 Um mez depois de publicado 46 réis

Redacção e administração — RUA DO GREMIO LUSITANO, 66, 1.º
Assignaturas (pagamento adiantado)
 Lisboa e provincias, anno 52 num. 1\$500 rs. | Brazil, anno 52 numeros..... 2\$500 rs.
 Semestre, 26 numeros..... 5\$00 rs. | Africa e India Portuguesa, a anno 1\$3000 rs.
 Cobrança pelo correio..... 5\$100 rs. | Estrangeiro, anno, 52 numeros... 1\$800 rs.
NOTA: — As assignaturas por anno e por semestre acceptam-se em qualquer data: tem porém de começar sempre no 1.º de Janeiro ou no 1.º de Julho

EDITOR — CANDIDO CHAVES
COMPOSIÇÃO
Minerva Peninsular
 82, Rua do Norte, 82
IMPRESSÃO
Lythographia Artistica
 Rua da Almada, 32 e 32.

UMA HYPOTHESE



— Ai! que se ellas engatam o entalado sou eu!!!...

Medicina antiga e medicina moderna

As incessantes innovações da therapeutica estão industrializando a medicina no mais alto gráo.

Inauguram-se a cada passo em Lisboa novos institutos clinicos, e, segundo se deprehe de das réclames dos jornaes, não são consultorios—são casinos, são hotéis, são os *Avenida Palace* da medicina.

Esses novos estabelecimentos possuem vastas installações, salas de leitura, salas de duche, salas de inhalações, *ateliers* de photographia, casas de machinas, ascensores, cosinhas, campainhas electricas, telephones e um pessoal numeroso.

Como vae longe o tempo em que, para exercer a medicina, bastava ter uma mula e uma seringa! Mas a civilização cada vez torna a vida mais complexa. Antigamente os medicos não tinham mesmo consultorio. Iam a casa dos doentes. Por outro lado também, antigamente os doentes não andavam a pé. Para estar doente, a condição essencial era—estar deitado. A primeira coisa que o doente fazia, quando se sentia doente, era metter-se na cama, enfiar na cabeça um barrete de algodão e—gemer.

O doente d'hoje anda pelo seu pé, passeia, vae aos theatros, conversa nas esquinas. A certa hora do dia pucha do relógio. E' a hora da consulta. Despede-se dos seus amigos e vae ao consultorio. Outras vezes interrompe-se de conversar e tira com mimo, da algibeira do colléte, um tubo de vidro, ou uma caixinha de cartão. E' o remedio.

Comprehendendo este novo aspecto das coisas, a pharmacia, por seu lado, apressou-se a operar uma reforma complexa nos seus costumes. Antigamente uma botica era uma loja triste, onde cheirava a basalício. Hoje as boticas são perfumarias. O que é remedio esconde-se e mostram-se sabonetes e frasquinhos de *Tréfle Incarnat*.

Cedendo a estas novas necessidades, os medicamentos passaram a ser manipulados e apresentados por outra forma. Antigamente, um remedio chamava-se—uma *garrafada*, e tomava-se de olhos fechados, fazendo caretas. Quando o remedio chegava a casa, trazido n'uma garrafa preta por uma creada afflicta, havia lagrimas. Passava-se n'uma rua. Ouvia-se gritos. O que era? Era uma senhora que estava a tomar—o remedio. Os remedios de hoje foram submettidos a taes artificios de manipulação, que, quando sabem a alguma coisa, sabem a agua de Colonia. Depois de os to-

mar, apetece deital-os. . no lenço. Mas os remedios de hoje, em rigor, não tem gosto: são pastilhas, são bonbons, são granulos, são hostias, obedecendo á necessidade de serem portateis, para que o doente moderno o traga sempre consigo, na rua, em passeio, no theatro, no baile. Para esse effeito, inventaram-se os mais graciosos involucros. A gente vê ao pescoso de uma senhora uma linda medalha de Laliqne e imagina que é talvez o retrato do seu noivo. Não é. E' chlorato de potassa.

Os medicos, está claro, não podiam deixar de acompanhar este movimento. Em meio de uma civilização tão nova e de costumes tão requintados, o doutor Semana era um anachronismo. A sua medicina mesmo caducara. Nenhuma pharmacia decente lhe aviava as receitas.

O doutor Semana, resmungando, desapareceu; e, com o doente novo, appareceu o novo medico.

Porque é que antigamente, os medicos eram todos velhos? Porque se deixavam envelhecer?—O certo é que antigamente não havia medicos novos. O medico convencional era um sujeito grisalho, de luvas pretas e sobrecasaca preta abotoada até ás amygdalas, que entrava, punha o chapéu alto sobre uma cadeira, caminhava com ferocidade para o doente, pedia-lhe a lingua, tomava-lhe o pulso, consultava o relógio, receitava e saia, deixando após de si um rasto de perplexidade e agonia.

Os medicos d'hoje são todos novos—mas que surprehendente mocidade! Ha uma colica em casa, chama-se á pressa um medico; apparece um rapazote elegante e vigoroso, vergastando com uma bengalinha fina o vinco da calça. Quem é?—E' o medico.

O novo medico é jovem, familiar, alegre, quasi estouvado. Quando se põe sério, percebe-se que é para aparentar mais idade. Nas casas em que entra, inspira uma viva curiosidade sobretudo ás mulheres. A sua juventude surprehende e perturba, porque á idéa do saber, no espirito das mulheres, anda associada a da decrepitude. Pelo menos para ellas, o homem só tem autoridade scientifica, quando deixa de as interessar. Emquanto é moço, ellas não comprehendem que elle seja senão—um homem. Para as mulheres em geral, um homem de sciencia, sem cabellos brancos, quando é um doutor, é o doutor Fausto. Mas o novo medico receita, cura. Então não é o medico: é o prodigio. O seu saber apparece como um privilegio e o novo medico faz risonha carreira. O medico d'outr'ora longamente mourejava antes de ter simplesmente uma sege. O novo medico que triumpho faz as suas visitas no carro de Apollo.

O medico de outr'ora não annunciava. Quando, de repente, se queria

saber onde havia um medico, perguntava-se ao gallego, ou ao policia. Os medicos não tinham nome; tinham apenas uma campainha. Tampouco se sabia onde, como e em que circumstancias se tinham feito medicos. Attribuia-se a todos os medicos indistinctamente um saber egual, porque a fonte era a mesma—a Sapiencia. Os medicos, por sua vez, tendo estudado nas mesmas escolas e pelos mesmos livros, não estabeleciam entre elles distincções, porque eram filhos da mesma mãe e tinham bebido na mesma teta o mesmo leite—a Sciencia.

Os novos medicos annunciam: annunciam em taboletas e annunciam nos jornaes. Já não se procura, como outr'ora, indifferentemente, um medico. Procuram-se certos medicos, como se procuram certas lojas. Não é licito ignorar as suas moradas, como não é licito ignorar por exemplo, onde é o Ferrari, o Ramiro Leão, ou o Jeronymo Martins & Filhos. Entretanto, afim de manter activas as preferencias do publico, o nosso medico mantém o seu nome bem em evidencia nos jornaes, e a sua taboleta bem em evidencia na sua varanda.

Além d'isso, o novo medico já não entra na vida da clinica por uma porta obscura, como outr'ora. Antes de apparecer faz-se annunciar. O advento de um novo medico é como o advento de uma nova marca de charutos; e assim os novos medicos pululam, recommendando-se todos por uma especialidade diferente e por uma chancela nova. O medico novo não se limita a fazer um curso moroso nas escolas do paiz. Quando o acaba, corre a Paris, corre a Berlim, a colher amostras das ultimas modas da sciencia. Volta, e o seu primeiro cuidado é installar-se bem. Monta o consultorio, e então assiste-se a este espectáculo que escandalisaria o doutor Semana: o medico novo, inquirido, nas lojas dos estofadores—a escolher fazendas.

Mas eis aqui os institutos clinicos, e o medico moderno assume então responsabilidades terriveis: não lhe é preciso possuir apenas um saber activo, mas uma solida e resistente fortuna. Não installa já um consultorio: installa uma fabrica, com machinas de curar, que provavelmente serão a medicina do futuro.

JOÃO RIMANSO.

Callista pedicuro

JERONYMO FERNANDES

Empregado da casa Ornellas

R. SERPA PINTO, 48, 1.º

(Frente para o Chiado)

EXTRACÇÃO de callos e dessecamento do unhas pelos mais modernos processos até hoje conhecidos.

Ped-se ao publico que visite este consulto:io para se certificar dos verdadeiros milagres que alli se operam.

Das 9 ás 5 da tarde



Um Pinheiro manso

Um homem de Bragança, chamado Pinheiro foi ha tempos preso, sob a accusação de ter passado moeda falsa.

Imaginar-se-ha talvez que a fabricou, ou si feita na sua fabricação.

Nada d'isso.

O Pinheiro, ao fazer um troco, deu tres moedas de tostão, que por acaso eram todas falsas. Tres.

Por este motivo, instauraram-lhe immediatamente processo sendo julgado e condemnado a 2 annos de prisão cellular, ou 3 de degredo.

Por ter dado tres tostões falsos n'um troco?

Nem mais, nem menos.

Condemnado, o pobre Pinheiro havia de cumprir a sua sentença, e como tivesse de passar pela Relação do Porto e pelo Limoeiro, antes de dar entrada na Penitenciaria, foi levado um dia d'estes por um official de diligencias, de Bragança á estação de Foz-Tua, afim de tomar o comboio do Porto.

De madrugada, estavam o Pinheiro e o official de diligencias na estação.

—Suba para ahi, disse-lhe o official de diligencias, indicando-lhe uma carruagem de 3.^a, e foi entretanto á bilheteira comprar os bilhetes.

Mas os dois, segundo parece, iam atzados, porque mal o official de diligencias se acercou da bilheteira, o comboio, que estava por um minuto a partir, deu um arranço e abalou, levando o Pinheiro e deixando o seu guarda. Panico e desespero d'este, que arrancava os cabellos, gritava que estava perdido.

Com effeito, deixar fugir um preso não é brincadeira, mas quando esse preso é um malfeitor condemnado a Penitenciaria e a degredo por ter passado tres tostões falsos, então a responsabilidade da sua fuga é muito maior. Que escandalo para a justiça! e que perigo para a sociedade.

Entretanto, o Pinheiro, que ignorava que o official de diligencias tivesse ficado em terra, seguia pachorrenamente no comboio. Mas na Regua houve uma longa paragem, o Pinheiro teve necessidade de sair e procurou o seu guarda.

Visitou todas as carruagens, chamou por todos os cantos, interrogou todos os empregados. Nada! O guarda não estava.

—Um sumiço assim! pensou com os seus botões o Pinheiro e reflectindo afinal que provavelmente o official de diligencias perdera o comboio e ficara enalhado em Foz-Tua, puchou dos cordões á bolsa e telegraphou para Foz-Tua:

«Estou Regua. Diga se quer que siga Penitenciaria, ou que espere aqui?»

A resposta não se fez demorar.

«Espere ahi. Abraços.»

Horas depois, o official de diligencias apparecia na Regua e levava para a cadeia do Porto o seu rico Pinheiro.

Um Pinheiro assim é o que verdadeiramente se pôde chamar — um Pinheiro manso.

No fim de contas, este homem teve mais senso commum do que os juizes que o condemnaram: elle pensou e muito bem que não lhe valia a pena fugir por ter passado tres tostões falsos!

**Noticias da guerra**

As noticias que chegam do Extremo Oriente são bem desfavoraveis para os russos; mas, senão a victoria, a confiança não desampara os filhos do czar.

As tropas de terra tem soffrido duros revezes, mas nem por isso o seu moral deixa de ser levantado. De vês em quando, a esquadra de Porto Arthur perde um navio, mas nem por isso perde a força, e agora mesmo em Porto Arthur, bloqueado, cercado, prestes a cair nas mãos do inimigo — o que é que se passa?

Passa-se isto, segundo magnificas noticias de S. Petersburgo:

«O espirito da população mantem-se levantado, havendo grande confiança n'uma libertação proxima. A esposa do general Stoessel obsequia as suas amigas com agradaveis festas e leva a todas as partes a animação e a tranquillidade. Diariamente, tocam as musicas nos passeios publicos. Os viveres são em abundancia, vendendo-se por preços mais baratos do que em New Chang.»

N'uma palavra, está-se muito melhor em Porto Arthur do que em Lisboa: musica todos os domingos, as esposas dos generaes levando a animação a todas as partes, a vida baratissima.

De vez em quando, é certo, chovem granadas, mas estes accidentes, em Porto Arthur, não perturbam a tranquillidade geral.—As senhoras abrem simplesmente as suas sombrinhas e passam adiante.

Admiravel povo e incomparavel optimismo!

**A' espera de vaga**

Dizem de Soure que se encontra ali ha dois mezes, presa na cadeia, uma alienada que não conseguiu ainda dar entrada em Rilhafolles por não haver vaga n'este hospital.

Em Portugal toda a gente está á espera de uma vaga.—Até os dois.

Quilchotismo orthographico

Acaba de dar-se no Porto o seguinte curioso incidente.

Um empregado da inspecção dos incendios, tendo escripto n'uma factura de fornecimentos, *couthou* vez de *Couthouc*, levou por esse motivo uma bofetada mestra do respectivo inspector. A' bofetada, o empregado em questão replicou com um tinteiro: meteu-se gente a apartar, houve confusão, panico, o diabo, e n'esse dia não se falou em outra coisa, no Porto.

Ora aqui está um conflicto certamente deploravel, como já grave e compenetradamente o qualificam os jornaes do Porto, mas ao mesmo tempo muitissimo engraçado.

Querer endireitar o mundo até ao ponto de querer fazer orthographia á lambada já é ser candidato... de Figueiredo.

**700000 réis**

Com este chamariz — 700000 réis, appareceu publicado nos jornaes o seguinte annuncio:

«Dá-se a quem arranjar um emprego vitalicio para a India, de réis 300000 mensaes, pelo menos. Quem pretender dirija resposta para Loanda, a A. B. L. posta restante. Guar-da-se sygillo.»

O que é ser uma nação colonial! Portugal está por tal maneira em toda a parte que a toda a parte leva a sua civilização. Os empregos publicos, por exemplo, vendem-se em Lisboa, mas compram-se na Africa e pagam-se na Asia.

Ah! Ainda nos resta alguma coisa do passado!

**No Arco do Cego**

Vae ser restaurado—dizem os jornaes — o monumento commemorativo da intervenção pacifica da rainha Santa Isabel, na contenda que seu filho D. Affonso teve com monarcha seu pae D. Diniz.

Este monumento — accrescentam as referidas folhas—encontrou-se junto de um muro, na rua do Arco do Cego.

O que é verdadeiramente extraordinario é que desde o tempo da rainha Isabel ainda não encontrasse quem o varresse.

Este monumento, encontrado junto de um muro, no Arco do Cego, e posto ali no tempo da dynastia affonsina, o que prova é que em Lisboa não ha limpeza. A não ser, está claro, que pelo facto do monumento estar no Arco do Cego, o não vissem.

Camara Municipal

Município fecundo o nosso.
Na sua ultima sessão, passou-se o seguinte:

Um dos senhores vereadores «lembrou» a conveniencia de se construir casas baratas.

Outro «lembrou» a conveniencia de se elaborar uma postura relativamente á limpeza das escadas dos predios particulares.

Outro «lembrou» a conveniencia de se promover a collocação da estatua do marquez de Pombal na praça do mesmo nome.

Finalmente, um outro «lembrou» a conveniencia de se collocarem lettreiros nos cruzamentos das ruas.

Não é um municipio: é o *Almanach de Lembranças*.

* * *

O sr. conselheiro Matheus dos Santos occupou-se da rega de lança, usada em todos os pavimentos da via publica, «sem criterio». Não sabe quem ordenou semelhante processo.

Sem criterio?
Foi o governo.

* * *

Quanto ao assumpto das casas baratas, o sr. conselheiro Antonio d'Azvedo disse que «elle está na mente de todos.»

E é onde fica.

* * *

O monumento ao marquez de Pombal preoccupa o sr. conselheiro Carvalho Pessoa.

Disse sua ex.^a que este monumento é uma divida.

Pois se é uma divida, fica por pagar.

Os liberaes prégam-lhe o calote.



Promptos

Os nossos navios de guerra nunca estão promptos.

Constantemente, lê-se nos jornaes: «Vae apromptar o *S. Raphael*» — «Está apromptando o *S. Gabriel*»

Agora, para ir ao Brazil, está apromptando *A Patria*.

Se algum dia chegamos a precisar de navios de guerra, nós é que estamos promptos.

VIERLING & C.^a LIMITADA
Cambio e papels de credito

Praça do Municipio, 1, 2 e 3—Rua do Arsenal, 44 e 46

Endereço telegraphico **LSBBA** Numero telephonicó **STERLING 611**

Passagem!

O nosso collega *Diario de Noticias* censurou com aspereza, que por occasião da inauguração do monumento, ou, senão do monumento, da peçra do monumento a Saldanha, a policia impedisse o transito na rua do Arsenal, sob o pretexto de que o rei ia passar.

Nós acompanhamos vivamente o nosso collega no seu protesto.

Por onde o rei passar queremos nós passar tambem.—E' o nosso direito de transeuntes e de monarchicos.



Estão no seu direito

As mulheres allemãs,
Com muito fortes razões,
Querem, como cidadãs,
Trocar a caixa das lãs
Pela urna das eleições.

Entendo, cá para mim,
Que as senhoras da Parvonia,
Largando a seda e o setim,
Deviam andar assim,
E sem fazer cerimonia.

Todo o commercio está côxo,
Anda a patria atarantada
E torta como um arrócho;
Pois venha o sexo frouxo,
Já que o forte não faz nada!

Eu heide gabar a prenda
E dar á alegria curso,
Se a dama esquecer a renda,
E deixar o rol da tenda
Para fazer um discurso!

Mas pergunta o padre Hylario,
Mestre nas santas cantatas;
Entrando ellas no fadario,
Tambem será necessario
O carneiro com batatas?

Não abrigo tal suspeita
Visto que a julgo insensata;
E—se é que penso á direita
Toda a eleição será feita
Com pastelinhos de nata!

Eu vejo n'isto alguns bens,
E algum progresso alguém vê
(Mãos para os armazens!)
E antecipoos parabens
Ao *Rendez-vous des gourmets*.



O «Terror»

Noticiam os jornaes que, no Governo Civil, continúa a syndicancia feita pelo sr. major Dias ao policia 1:060 o *Terror*.

Parece que em virtude d'essa syndicancia o sr. major Dias chegou já a apurar que o *Terror* é apenas o *Terror*... das soperas e que n'este sentido vae officiar ás instancias superiores.

No entanto, para prevenir eventualidades, o sr. major tem andado com o credo na bocca.

GUITARRA DA "PARODIA,"

MOTE

Tem o progresso avançado
N'isto da locomoção,
Mas não ha presentemente
Como andar á pae Andão.

GLOSA

Calae a bocca, pandilhas,
Que puxaes para a travessa;
Vae-se á Russia tão depressa
Como d'antes a Facilhas!...
Do vapor as maravilhas
Este mundo tem mudado;
Já se lavra sem arado,
Já se vae do mundo ao cabo!
Como um cão de lata ao rabo
Tem o progresso avançado!

Já cá temos bicycleta
Para entreter os meninos,
Automoveis todos finos,
Tocadores de trombeta:
Temos da bomba a carreta,
Seges de enterro pimpão,
As viagens no balão
Por um pouco dirigivel...
O progresso é quasi incrível
N'isto da locomoção!

É certo que vem a morte
Se a futrica se escangalha,
Mas do progresso a batalha
Não se vence d'outra sorte,
A nação foi toda forte
Quando a pé andava a gente;
A cachopa era valente,
Levando á cabeça a cantara...
Tivemos mudos de Alcantara,
Mas não ha presentemente!

Diz-nos lá o rifão velho,
De vagar se vae ao longe;
E eu, esperto como um monge,
Vou seguindo este conselho,
Quem não quer desaparelho
Na cabeça, perna ou mão;
Quem ao seu cirurgião
Não deseja dar maçada,
Logo vê que não ha nada
Como andar á pae Adão.

Para as torradas manteiga,
Para o progresso baliza:
Andemos á pae Andão...
Nanja em fralda de camisa.

VENANCIO.



Justiça militar

No Supremo Conselho de Justiça Militar, onde se encerrou ha dias o crime do quartel da Estrella, voltou a debater-se a questão de saber-se se os soldados podem ou não fazer transacções com o elemento civil.

Não podem — concluiu o tribunal. N'esse caso, supprima-se o *prét.* Se os soldados não podem fazer negocios com os paisanos, acabe-se com essa immoralidade — o rancho.



Post-scriptum

Afinal não se sabe ainda se o sr. Oliveira Mattos vae ou não vae á camara.

Segundo consta, pensa-se em fazer um *post-scriptum* ás ultimas eleições.



Casa Africana—R. Augusta, 166
 É o estabelecimento de fazendas e modas que vende mais barata em Lisboa.

O Mergulhão authenticico

Eu queria ter de oiro um bom cordão Porém inda hesitava onde comprar-o A mente me ocorreu o Mergulhão Cento e sessenta e dois, lá em S. Paulo.

Entreí, e vi lá centos d'elles, d'estallo, Comprei um logo, e oh! admiração, Uns preços tão baratos, creio que não Se veem n'outras casas! um regalo!

Relogios, brincos, broches, «souvenirs» Se tu lembranças d'estas não possuieres Visita aquella casa e te convences

Que o Mergulhão é o rei da barateza Em conta, é só quem vende com certeza Vae lá, e que isto é peta tu não penses!

Ouvrivesaria e relojoaria Mergulhão
162, R. de S. Paulo, 162-B

GOARMON & C.^a

Mosaicos Hydranticos e Ceramicos.
 Azulejos em Fiança e Carrizo.
 Tijolos em Cimento.
 Telha e Escama vidrada.
 Quadros e ornatos para Chalets.

21—T. do Corpo Santo—Lisboa
Catalogos sob requisição

STORES DE JUNÇO

Fazem-se com lindos desen^{os} em todas as larguras e por preços sem competencia, e esteiras para salas e quart^{os}, tudo com a maxima perfeição. Encarrega e de encomendas para a provincia e estrange ro. Rua do Atecrim, 107.

CALLISTA EFFECTIVO DA CASA REAL

Gaston Piel

Das 9 da manhã ás 5 da tarde
PRAÇA DOS RESTAURADORES, 16

FATOS em Paletot de 14.500 a 25.000
FATOS em Frol de 12.000 a 32.000
FATOS em Sobrecasaca de 16.500 a 35.000
FATOS em Casaca de 20.000 a 56.000
na Casa das thesouras
51—Rua da Escola Polytechnica—55
JOSÉ CLEMENTE

Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes
VERÃO DE 1904

Serviço de banhos e aguas thermaes. Viagens de ida e vo ta por preços reduzidos. Bilhet-s validos por 2 mezes com facilidade de ampliação de prazo.
 Termas: Cucus, Caldas d. Rainha e Unhaes da Serra (Tortozendo e Covilhã).
 Praias: do Furadouro, Espinho, Granja, Porto, Foz do Douro, Mattosinhos, Leça da Palmeira, Nazareth, S. Martinho e Figueira da Foz.
 Desde 1 de junho e até 15 de Outubro de 1904, esta Companhia terá a venda bilhetes de ida e volta a preços reduzidos, validos por dois mez-s, das suas principaes estações para as que servem as localidades acima designadas.
 Aos portadores d'estes bilhetes é concedida a facilidade de ceter-nação em transi o, ampliação de prazo, etc.
 Para mais esclarecimentos véros cartazes affixados nos sitios do costume.
 Lisboa, 15 de junho de 1904.
 O D. G. da Companhia Chapuy.

CASA PORTUGUEZA
 Papellaria e typographia

José Nunes dos Santos
 Successor de MANUEL DA SILVA

No telephónico 220—Endereço telegraphico Papelltypo
PAPELLARIA **TIPOGRAPHIA**
 Grande sortimento de papeis nacionaes e estrangeiros, objectos para desenho e todos os artigos precisos nas escolas.
 Trabalhos typographicos em todos os generos.
 Impressões a cores, ouro, prata e sobre setim.
Papellaria: Rua de S. Roque 139 e 141
Officina typographica: R. das Gaveas, 69 LISBOA

ORTHOPÉDIA

CASA ESPECIAL DE FUNDAS e aparelhos orthopédicos
DE MANOEL MARTINS
 FORNECEDOR DOS HOSPITAES CIVIS, CASAS DE SAUDE, DE BENEFICENCIA, ASSOCIAÇÕES DE SOCCORROS MUTUOS, ETC.
154, Rua da Magdalena, 154-A
 (Antiga CALÇADA DO CALDAS, PROXIMO AO LARGO DE SANTA JUSTA) LISBOA

Ouvrivesaria e Relojoaria
 com officina propria de fabrico e consertos
FLORINDO
 JOIAS COM balboantes
 PREÇOS Limitadissimos
99, RUA AUREA, 99

BANHOS

DAS afamadadas aguas do Poço do Borratem, conheci das desde 1532 com grande exito nas molestias de pelle e outras enfermidades. Fazem-se assignaturas de to banhos simplis ou doucies com 20% de desconto e de vapor com 40%. Abre este antigo estabelecim. nto ás 5 horas da manhã e fecha ás 6 da tarde.
4, Poço de Borratem, 1.^o

Taboletas
 Em todos os generos
Francisco Santos
R. Gremio Manoel Luis, 43



Peço a V. Ex.^a a fineza de não comprar chapéus sem primeiro visitar este estabelecimento

RESTAURANT PARIS
JOSÉ FERNANDES

Servem-se:
 Jantares de mesa redonda a 600 réis
 Serviço de lista a toda a hora
 Pratos especiaes para celas
 Gabinetes de 1.^o ordem
65, R. de S. Pedro d'Alcantara, 67
2 e 4, Travessa da Cara, 2 e 4—LISBOA

Sorte grande e immediata
VENDIDA NA CASA
Campião & C.^a
118, Rua do Amparo, 118 LISBOA

2:214, cauf. e vig.... 25:000\$000
3:474 vigesimos..... 2:000\$000

O bilhete da sorte grande foi sub-dividido em 10 vigesimos, 1 cauteia de 200 réis, 6 de 200, 15 de 100 e 60 de 50.

O-números mais premiados, vendide, n'esta casa, na extracção do dia 7 foram:

2214.....	25:000\$000
3474.....	2:000\$000
1202.....	200\$000
2211.....	160\$000
2215.....	160\$000
279.....	100\$000
741.....	100\$000
1005.....	100\$000
5130.....	100\$000

Proximas loterias a 14, 21 e 28 de julho com o premio maior de

12:000\$000

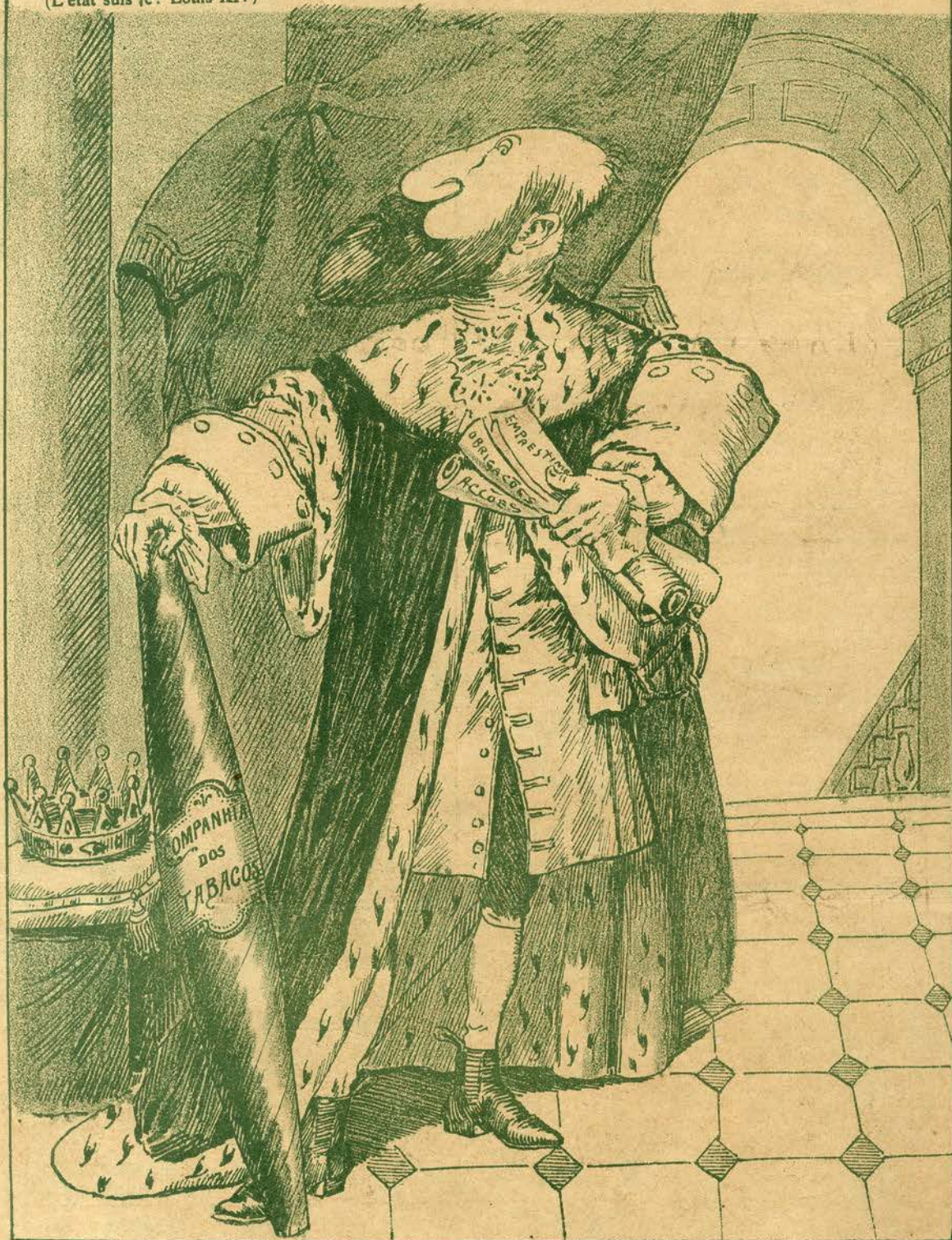
Pedidos aos cambistas

Campião & C.^a
LISBOA

SALA MOZART
MONTEJONSEA
PIANOS
ORGÃOS
 Instrumentos musicos
RUA-IVERS-52-54 LISBOA

O REI SOL

(L'etat suis je! Louis XIV)



O Estado sou eu!!!